

Florestas

Embaixador da Malásia depõe sobre madeireiras asiáticas

O diplomata argumenta que as críticas às madeireiras asiáticas são estimuladas pelos países ocidentais, que estariam considerando a região "como seu quintal"

Edson Luiz

Brasília, (AE) - O embaixador da Malásia no Brasil, Dato' Zainal Zain, disse ontem que as informações desfavoráveis sobre a atuação das madeireiras asiáticas na Amazônia estão sendo estimuladas pelos países ocidentais, que estariam considerando a região "como seu quintal". Segundo Zain, estas informações fazem com que o Banco Mundial (Bird) pressione o Brasil a criar obstáculos às atividades destas empresas. Zain esteve ontem na Comissão Especial da Câmara que investiga a atuação destas madeireiras e negou que qualquer uma delas já esteja atuando em território nacional.

"Ao recorrer a táticas de intimidação e deliberada desinformação, os ambientalistas ocidentais buscam descredenciar as madeireiras asiáticas, mas acima de tudo motivar uma pressão internacional", disse Zain. Ele referia-se a uma possível pressão do Bird sobre os países onde as empresas pretendem atuar (Brasil, Papua Nova Guiné e Suriname). Nem uma árvore, sequer, foi derrubada no Brasil por qualquer empresa malasiana, nem qualquer concessão de terra foi dada a madeireiras na Amazônia", garantiu.

Segundo o embaixador da Malásia no Brasil, nos últimos dois anos as empresas Samling e Simbunan Hijau demonstraram interesse em atuar na Amazônia. Conforme o empresário Aldebaro Lautau Filho, convidado pelo embaixador para participar da audiência, o que há é uma associação entre empresas do Pará e a Simbunan Hijau. "Estamos realizando uma joint-venture com as empresas asiáticas", confirmou Lautau. O embaixador disse que apenas a WTK comprou a indús-



Desflorestamento

O Greenpeace acusa as madeireiras asiáticas como uma ameaça às florestas tropicais

tria de compensados Amaplac, no Amazonas. "A empresa estava fechada por motivo de falência, e empregou todos seus 300 funcionários, injetando US\$ 150 mil dólares na economia local", informou.

O diretor executivo do movimento ambientalista Greenpeace no Brasil, Roberto Kishinami, rebateu o embaixador dizendo que, no ano passado, uma das empresas asiáticas havia desembarcado uma grande quantidade de tratores no porto de Manaus

(AM). "Se ele fala que estas empresas não estão atuando, não se justificaria esta quantidade de tratores", argumentou Kishinami, explicando que o maquinário seguiu para a região do rio Purus. Além disso, relatórios do próprio governo, como o que foi preparado pela Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE), atestam a presença de madeireiras malaisias na região e o interesse dessas empresas em adquirir terras.

O embaixador da Malásia disse que as madeireiras ocidentais não

atraem a atenção dos ambientalistas, como as asiáticas, e suas atuações em diversos países são colhidas de forma positiva. "A possível contribuição das madeireiras malaisianas no exterior não é devidamente realçada pela mídia ocidental", reclama Zain. "A imagem distorcida divulgada pela mídia sobre as empresas malaisianas que atuam no Brasil é estimulada pelos países desenvolvidos do ocidente que consideram a região Amazônica como seu quintal", disse.